

Anna Dolfi

*Antonio Tabucchi
e as Geometrias da Ficção*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ÍNDICE

/ PÁG. 11

Nota sobre a tradução

/ PÁG. 15

I Instantâneos para um escritor

/ PÁG. 37

II O primeiro Tabucchi ou as metáforas «metafísicas»

/ PÁG. 53

III Modos e técnicas da ficção

PÁG. 55

3.1 — Constantes e cânones narrativos

PÁG. 58

3.2 — Temas e motivos de *Nocturno indiano*

PÁG. 61

3.3 — No rasto de Roux

PÁG. 66

3.4 — Espaços e fontes para um romance

/ PÁG. 79

IV «Vozes trazidas por alguma coisa» Fragmentos
de discurso no signo do remorso

PÁG. 135

V Para «conviver com o futuro»

PÁG. 137

5.1 — Sobre o testemunho

PÁG. 151

5.2 — Trabalhando no avesso

PÁG. 159

VI Entre traição e desaparego

PÁG. 161

6.1 — A cidade perdida

PÁG. 166

6.2 — Silêncio e vocalidade

PÁG. 171

VII Além da trilogia portuguesa

PÁG. 173

7.1 — Tentativas de modelização

PÁG. 179

7.2 — Entre Pessoa e Tadeus

PÁG. 183

7.3 — Variações sobre um *requiem*

PÁG. 191

7.4 — Limites e confins do pacto narrativo

PÁG. 194

7.5 — Ao longo da flecha do tempo

PÁG. 205

VIII Ser estrangeiro e nativo em três línguas

✓
PÁG. 215

IX Entre ironia, desassossego e saudade
(a palavra a Tabucchi)

✓
PÁG. 223

Bibliografia

Poucos escritores viram, como Antonio Tabucchi, nascer à sua volta, e de forma crescente, a estima, a predileção pela obra e (quase para contrabalançar aversões estratégicas, pertinazes, ideológicas) uma espécie de afeto pela figura pública e, finalmente, também pela privada. Poucos anos depois da sua morte precoce (a 25 de março de 2012) não só a crítica italiana e a estrangeira têm continuado a interrogar-se com insistente paixão sobre a narrativa, a ensaística, o empenhamento social e político de um intelectual rigoroso e incómodo, agressivo e irónico, livre e corajoso, como também se multiplicaram os testemunhos, as declarações de gratidão. Enquanto isso, nas universidades do mundo inteiro aumentam os cursos universitários, as teses de licenciatura e de doutoramento que o escolhem como tema de estudo e de pesquisa, romances e contos de jovens imitam-lhe o estilo, fazendo dele uma personagem com a qual entabulam diálogos falhados, colóquios impossíveis. Mas até este movimento que faz do autor uma personagem é mais uma extraordinária prova do papel

PAÍSES

Nascido em Pisa a 24 de setembro de 1943, Tabucchi viria a passar a infância em Vecchiano, um pequeno município toscano entre os Alpes Apuanos e o mar Tirreno, que tivera uma tradição anarquista. O espírito libertário aí colhido não tardaria a fazer-se sentir, quando, terminados os estudos liceais em Pisa (onde cursaria depois a universidade), se mudou durante um ano para Paris para fugir ao terrível afresco da Itália dos anos 50 e 60 oferecido por um filme: *La dolce vita* de Federico Fellini. Atraía-o para a capital francesa o desejo de afastar-se de um país de Baixo-Império que viria a ser-lhe tragicamente reapresentado, com tons cada vez mais sombrios, nos anos berlusconianos, empurrando-o de novo para o afastamento.

Dessa primeira estadia além-Alpes, passada na Sorbonne a ouvir, entre outras, as lições de Vladimir Jankélévitch, o filósofo da nostalgia e do irreversível, voltaria com um livro comprado na Gare de Lyon (*Tabacaria*, de Fernando Pessoa) que viria a direcioná-lo para um novo país, Portugal, o qual, juntamente com a Itália e a França, se tornaria central na sua vida. E isto não só por haver condicionado os seus estudos (de literatura portuguesa, sob a direção de uma grande lusitanista, Luciana Stegano Picchio), a sua vida privada (o casamento com uma portuguesa, Maria José de Lancastre, de quem viria a ter dois filhos, Teresa e Michele), a sua profissão futura (como docente de literatura portuguesa nas universidades de Bolonha, Génova, Siena), as suas amizades (com importantes escritores do mundo lusitano), mas porque iria deixar o seu nome ligado à tradução

Quando em 1981 sai, na coleção Silerchie de Il Saggiatore, um livro de contos (*O jogo do reverso*; a edição definitiva, aumentada, será a de 1988, e a esta faremos referência), Tabucchi trazia já na bagagem dois romances. O segundo (*Il piccolo naviglio*, de 1978) viria a ser esquecido pelo próprio autor, que durante anos falou dele como de uma experiência não totalmente conseguida, ainda que nele se possam encontrar personagens significativas e alguns temas, a começar pelo da história, ali já experimentados, que regressarão na produção seguinte. O primeiro (*Praça de Itália*, de 1975) assinalara pelo contrário com pujança o seu nascimento como escritor. Era um livro de tal forma maduro e complexo, seja no plano da trama seja no da construção, que é difícil pensar nele como uma obra de estreia. Não por acaso a sua publicação pela Bompiani fora apoiada por Cesare Segre, um dos críticos mais atentos às estruturas do romance, todas viradas, naquela fase inicial, para a anacronia, avançando do fim para o princípio, num entrelaçar contínuo de acontecimentos, de figuras, de tempos. A história de

3.1 — CONSTANTES E CÂNONES NARRATIVOS

No prólogo de *Mulher de Porto Pim*, um livro sugestivo e inusual de contos exóticos para o leitor italiano com que iniciara em 1983 a série de pequenos livros publicados com o editor Sellerio, Tabucchi anunciava as regras do seu compromisso de autor. A mistura entre real e imaginário, entre o quotidiano e o ligeiro delírio característico da sua narrativa encontrava naquelas poucas linhas uma justificação, ao mesmo tempo que remetia para a necessidade de humanizar o fantástico, de contar em modo abafado, sem clamor, na tonalidade de um noturno. O escritor deixava compreender claramente que o intrigava um *albures* que, apesar de ter raízes no real, se dirigia para as auras do possível, rumo a um mundo alternativo capaz de manter uma qualquer forma de tangência com o nosso. Em obediência a esse princípio, para narrar servir-se-ia de sugestões imprevistas, de histórias ouvidas, de viagens feitas por si ou por interposta pessoa, de livros, de citações cultas,

«O conto é uma medida que me agrada muito, uma medida difícil, devo dizer, mais difícil que o romance. O romance é um contentor para o qual podemos mandar muitas coisas, é um grande contentor [...] Creio que, pelo contrário, o conto é uma forma fechada, um pouco como o soneto em poesia. Para satisfazer as leis [...] do conto é preciso pensar sobretudo, e ter presente, a medida do tempo.» (*Scrittori a confronto*, p. 183)

É a partir da insistência na medida temporal e na tensão narrativa (o conto é, segundo Tabucchi, um pouco «como uma água-forte; deve ser muito determinado» (*idem*, p. 184), que vou agora debruçar-me sobre um conto singular: «Vozes trazidas por alguma coisa, impossível dizer que coisa.» Trata-se de um texto exemplar, porque nas poucas páginas de uma história de *suspense* se condensam as características da narrativa do nosso escritor, que em definitivo é mais autor de contos do que de romances (os seus são, na maior parte, romances breves ou romances *à morceaux*: é o caso de *Nocturno indiano*,



1964. Inscreve-se na Universidade de Pisa e frequenta a cadeira de Língua e Literatura Portuguesa, cuja docente é Luciana Stegagno Picchio. Em 1966 obtém uma bolsa de verão para seguir o Curso para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa.



1966. No seu quarto, em casa dos pais. Piazza Garibaldi, 1, Vecchiano.

5.1 — SOBRE O TESTEMUNHO

Nos seus últimos meses de vida, em Lisboa, Antonio Tabucchi andava a reler as obras de um autor de que sempre tinha gostado. O que é que lho tinha tornado tão caro, para lá do facto de ter sido uma de tantas vítimas inocentes do nazismo? Talvez a predileção que este autor, Walter Benjamin, tinha por Paris, uma cidade que, juntamente com Lisboa, Tabucchi considerava «sua» desde a juventude. Talvez também porque Benjamin não fora capaz de esquecer os lugares de infância, as canções populares, as músicas de rua, como lhes chamava um poeta brasileiro igualmente amado, Carlos Drummond de Andrade. Talvez ainda porque Benjamin também se interrogara sobre o significado da tradução e não tinha querido separar a política da ética e da literatura. Talvez porque o filósofo alemão retardara a sua partida da França ocupada retido pela paixão dos livros e, após uma viagem aventureira, se tinha suicidado a poucos passos da liberdade, com medo de não conseguir atravessar a fronteira espanhola.

7.1 — TENTATIVAS DE MODELIZAÇÃO

Numa breve nota que acompanha uma recolha de romances de Tabucchi publicada em 2012, Carlo Feltrinelli propôs para *Requiem*, *Afirma Pereira* e *A cabeça perdida de Damasceno Monteiro* a etiqueta de «trilogia portuguesa». Traduzo adiante o seu argumento numa espécie de gráfico, tal como farei com outras possíveis subdivisões, para tornar mais evidente o que aqui me importa sublinhar, isto é, a persistência de temas e motivos, que em Tabucchi se combina sempre com reais instâncias inovadoras, mesmo pseudofraturas e corajosas mudanças de rumo. É como se o escritor sentisse a necessidade constante de mudar, de seguir além dos resultados/sucessos alcançados para arriscar e tomar novos caminhos. Para dar apenas um par de exemplos, poderei citar *Para Isabel*, um romance de sucesso seguro escrito em anos situáveis entre *Nocturno indiano* e *Requiem*, intencionalmente «esquecido» durante décadas dentro de uma gaveta; ou *Tristano morre*, que interrompe a afortunada linha dos romances «políticos»

Este livro, movendo as peças de um *puzzle* feito não só de histórias, de tempos, de figuras, mas também de vida e de biografia, e daquela mistura de verdade e ficção que é característica da grande literatura, reconstrói a aventura narrativa de um dos mais significativos escritores europeus do último terço do século xx. Um autor que, através de jogos, de disfarces, das máscaras da invenção, conseguiu falar da inquietação que nos acompanha e que alimenta a saudade, a nostalgia do possível, o desejo de outro lugar. Anna Dolfi revisita os temas e motivos fundamentais da obra de Antonio Tabucchi, revela-lhe as leituras, interroga-lhe o estilo e a extraordinária capacidade narrativa. Faz emergir da escrita os traços de um *survival kit* romanesco feito de personagens inesquecíveis, de paisagens, de cidades, de músicas, de quadros, de comidas, de filmes, de *dark ladies*, de *spy stories*, mas também de *rêves* e de *revés*, de omissão e de arrependimento. Nisto se inclui a História que, nos seus contos e romances, guia a tensão ética tabucchiana, ao dar vida aos anti-heróis que têm a coragem de agir e de testemunhar, porque não bastam lágrimas solitárias para «frequentar» o futuro mudando o presente.

ISBN 978-972-27-2985-7



9 7 8 9 7 2 2 7 2 9 8 5 7